

A Pedra de São Dogmael – A ‘Rosetta Stone’ dos Estudos Ogâmicos¹

Prof. Dr. Dominique Santos
Universidade Blumenau (FURB)
Coordenador do Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais
(www.furb.br/labeam)
dvcsantos@furb.br

Recebido em: 29/03/2017
Aprovado em: 13/05/2018

Resumo :

Primeiramente mencionada em 5 de Fevereiro de 1693/4, quando estava localizada nas ruínas da Abadia de São Dogmael, Pembrokeshire, no País de Gales, a Pedra de São Dogmael, hoje conservada dentro da St. Thoma’s Church, foi considerada como a ‘Rosetta Stone’ dos Estudos Ogâmicos, pois trata-se de uma pedra Bilingue/Biliteral, contendo a mesma inscrição em dois tipos de script: Letras Romanas e Ogham. Este artigo apresenta uma sistematização das principais informações disponíveis acerca deste monumento bem como uma análise deste, de modo a elucidar sua importância para os Estudos Oghâmicos.

Palavras-chave: Pedra de São Dogmael; Ogham Stones; Antiguidade Tardia.

Abstract :

First mentioned in February 5, 1693/4, when it stood in the ruins of St. Dogmael’s Abbey, Pembrokeshire, Wales, St. Dogmael’s Stone – located today inside St. Thomas’s Church – was considered ‘The Ogham Rosetta Stone’ because it is a Bilingual Stone, which contains the same inscription in two different scripts: Roman Letters and Ogham. This article presents a systematization of the main information related to this monument and an analysis of it, pointing out its importance to the Ogham Studies.

Keywords: St. Dogmael’s Stone; Ogham Stones; Late Antiquity.

¹ Este artigo é fruto do Projeto de Pesquisa 531/2016/PROPEX-FURB e foi financiado pela CAPES a partir de Edital de Pós-Doutoramento, processo nº 88881.119892/2016-01, e também pela FURB - Universidade de Blumenau, a partir da portaria 950/2016, que me permitiu desfrutar de um ano sabático junto ao OCLA - Oxford Centre for Late Antiquity, uma oportunidade única para me dedicar à pesquisa, algo que dificilmente seria possível sob circunstâncias envolvendo as demandas rotineiras relacionadas com Ensino, Pesquisa, Extensão e Administração, tarefas exigidas de um docente de Ensino Superior no Brasil. Sou grato a Bryan Ward-Perkins pelo convite para esta experiência em Oxford. De igual modo, também agradeço a Thomas Charles-Edward pelos diálogos, conselhos e convite para ter acesso ilimitado à Biblioteca do Jesus College de Oxford. Por fim, mas não menos importante, também gostaria de reconhecer todo o apoio recebido dos bibliotecários Janet Foot (Celtic Collection/ Taylor Institution Library) e Owen McKnight (Jesus College Celtic Library), que me deram auxílio fundamental para acessar todo o material que precisei para escrita deste. Qualquer compreensão equivocada, imperfeição e erros que ainda restem são, evidentemente, minha única e exclusiva responsabilidade.

Quando a Pedra de São Dogmael foi apresentada ao público pelo Reverendo H. L. Jones no encontro da *Cambrian Archaeological Association* de 1858, ela se encontrava anexada a uma parede adjacente ao vicariato da Abadia local, onde foi descoberta pelo Reverendo H. J. Vincent, provavelmente após ter sido levada para lá depois de perder a função que desempenhava na Antiguidade Tardia, ter servido como uma passarela sobre um riacho próximo da Abadia e como coluna de uma porteira. Ao que parece, no mesmo ano de 1858, a parede foi derrubada por conta de uma reforma e a pedra caiu e quebrou-se em duas partes. Em 1860, o Reverendo Vincent ficou encarregado de guardá-la ‘no interior da Igreja ou em algum outro lugar igualmente seguro’ (JONES, 1860, p. 136.). Quando visitamos a Pedra de São Dogmael, em 2017, ela estava dentro da Igreja. Não sabemos se foi de fato Vincent que a levou para lá e nem quando, mas isto ocorreu antes de 1917 (VAUGHAN, 1917, p. 17).

Apesar de conhecida mais amplamente pelo público somente a partir de 1858, a pedra de São Dogmael já havia sido mencionada antes desta data em duas ocasiões. Pela primeira vez, em 5 de fevereiro de 1693/4, em uma carta que William Gambold endereçou ao antiquário Galês e segundo conservador do Ashmolean Museum de Oxford Edward Lhuyd, quando o artefato se encontrava nas ruínas da Abadia de São Dogmael e, pela segunda vez, em uma carta datada de 1702 do próprio Lhwyd, que chegou a desenhar a pedra, inclusive as inscrições em Ogham, que não eram bem compreendidas em seu tempo. Todavia, seus rascunhos eram desconhecidos até 1859, quando foram encontrados por Jones em Oxford. Ou seja, quando este último a apresentou ao público no encontro da *Cambrian Archaeological Association* de 1858 ele ainda não conhecia os desenhos de Lhwyd, só encontrados no ano seguinte.

De acordo com Macalister, a Pedra de São Dogmael ficou conhecida como a “Ogham Rosetta Stone” por ser “uma das primeiras dentre as inscrições biliterais a serem descobertas, dando confirmação acerca da precisão do tradicional alfabeto Oghâmico” (MACALISTER, 1945, P. 425-426). O termo foi cunhado por Graves, Professor do Trinity College, que, assim como J.O. Westwood, recebia informações e desenhos sobre a Pedra, quando Vincent a encontrou. Graves acreditava que a Pedra de São Dogmael “era equivalente à famosa Rosetta Stone das descobertas hieroglíficas egípcias porque ela continha a mesma inscrição em dois caracteres distintos, um de tipo Romano-Britânico e outro daquela classe oculta Oghâmica, a qual tem sido muito controversa, teorizada, mas pouco compreendida” (JONES, 1860, p. 128). O mesmo

tendo sido repetido mais tarde por Westwood, que, mencionando Graves, afirmou que a Pedra em questão era uma chave para deciframento do Ogham na mesma medida que a Rosetta Stone foi para os hieróglifos egípcios. Segundo ele, a Pedra de São Dogmael ‘adquiriu celebridade por ter sido a primeira pedra descoberta em Gales na qual há uma inscrição em Latim que se repete em Céltico com caracteres oghâmicos’ (WESTWOOD, 1879, p. 215). Em 1861, com permissão da *Cambrian Archaeological Association*, a *Kilkenny and South-East of Ireland Archaeological Society* republicou o texto de Jones, uma espécie de réplica que acompanha um artigo de Westwood intitulado ‘*Early Inscribed Stones of Wales. The Sagraanus stone at St. Dogmael's, Pembrokeshire*’ (JONES, 1860, p. 133-136), com o título: “The Ogham “Rosetta” Stone” (GRAVES, 1861, p. 229). Nossa reflexão sobre a Pedra de São Dogmael para esta edição da Brathair não só considera como insere-se neste contexto.

O monumento que estamos abordando é um pilar alto e retangular, de formato plano, que vai afunilando até atingir sua menor espessura no topo (ver fig. 1, próxima página). Suas dimensões são de 2.10 cm de altura, 49.5 cm (na base) e 21.5 cm (no topo) de largura, e 21.5 (na base) e 16cm (no topo) de profundidade (EDWARDS, 2007, p. 460). É um dolerito, pedra que tem por característica a cor escura e uma textura granular fina. Como já mencionado, seu estado atual é incompleto, pois encontra-se quebrado em duas partes, que são sustentadas por uma haste de ferro para que a pedra fique de pé, encostada na parede ocidental da nave da St. Thomas’s Parish Church, em São Dogmael, Pembrokeshire, País de Gales (SN 16394589), uma localidade que possui fácil acesso para o Mar da Irlanda. Também é possível perceber no monumento os dois furos a partir dos quais ele se prendia a outro objeto, funcionando, assim, como coluna de uma porteira de fazenda. O primeiro destes sobre a letra “S”, no começo da inscrição Romana, e o segundo perto da base, relativamente próximo ao fim da inscrição Romana. A segunda letra “A” da inscrição em Ogham está danificada por uma incisão na pedra (EDWARDS, 2007, p. 460).

No que diz respeito à datação da Pedra de São Dogmael, não é possível indicar uma cronologia absoluta, apenas relativa, pois a maioria dos métodos de datação utilizados em arqueologia, tais como Dendrocronologia, Termoluminescência, Carbono 14 e outros, não conseguem promover resultados mais aproximados para este caso. Assim, é a Geologia e suas ramificações, como a Petrologia, e a Linguística Histórica, quem tem oferecido boa parte das sugestões. Adotando a classificação proposta por

Katherine Forsyth, apesar de seu sistema ter sido criado para datar as Ogham Stones da Escócia, pois adequa-se a este contexto, o monumento pode ser considerado como pertencente ao seu “Type-1 (over the stem line)/Tipo-1 (Sobre a linha central)” (FORSYTH, 1996, p. li). De igual modo, é possível aceitar a proposta de Nash-Williams (1950): ‘Group I, simple inscribed stones (V-VII A.D.)/Grupo I, Pedras com Inscrições Simples (V-VII d.C.)’. Outras duas propostas são as de Jones, que apresentou datas mais específicas, embora com certa relatividade, considerando a pedra como oriunda de entre os anos 400-533 (JONES, 1860) e Kenneth Jackson, que também apresentou uma data mais específica e com menor espaçamento temporal que Jones. Segundo este, ela dataria de entre os anos 466-533 (JACKSON, 1953).

Também é possível conferir cronologias relativas ao monumento a partir de suas inscrições, atribuindo datação de sua linguagem, apesar das frases não serem longas, tanto a partir do Ogham quanto das Letras Romanas. É o que faz Patrick Sims-Williams, por exemplo. Segundo ele, as inscrições grafadas na Pedra de São Dogmael podem pertencer ao que ele denomina de “Período Britônico’ 1, 1-12 ou 1-13, dependendo da composição vocálica admitida, se ela é significante ou não e, caso não seja, o que decidirá entre os períodos 1-12 ou 1-13 é se o U para o /u/ pretônico > ö/ é significativo. Quanto ao irlandês, pertence ao “Período Irlandês’ 14-15 (SIMS-WILLIAMS, 2003, p. 360, n. 449/384). Nancy Edwards (2007, p. 462) sugeriu o século V ou início do século VI. Trata-se, então, de um monumento da Antiguidade Tardia, que é como o compreendemos neste artigo.

Figura 1 – A Pedra de São Dogmael



Fonte – Pedra de São Dogmael. Fig. 1 (Esquerda), copyright Dominique Santos; Fig. 1.1 e 1.2 (Centro), Nash-Williams (ECMW, 1950, p. 211-213, Inscrição 384, e também Pl. IV e Fig. 240); Fig. 1.3 (Direita), Macalister (1945/1996, p. 425-427, Inscrição 449).

Para compreender as inscrições do monumento que estamos analisando é preciso saber o que é uma Ogham Stone e como se dava o funcionamento do script irlandês. A primeira coisa que devemos nos lembrar é de que, apesar do termo, não somente pelo fato dele ser utilizado pelos estudiosos da área para se referirem aos monumentos de pedra erigidos em várias localidades em torno do Mar da Irlanda (atuais República da Irlanda, Ilha de Man, País de Gales, Inglaterra e Escócia), mas também por ser o único tipo de material que possuímos datado da Antiguidade Tardia, o Ogham era utilizado para escrever em outras superfícies duras, tais como ossos (como os objetos de Tyllycommon ou Bac Mic Connain), chifres (como o encontrado em Weting, Nortfolk), broches (como o de Ballyspellan), além de vários manuscritos.

Se fôssemos denominar o Ogham com terminologias semelhantes às que usamos para nossa forma de escrita em Português, Alfabeto ou Abecedário, ele poderia se chamar Beith Luis Nin, nome obtido a partir de sua sequência de letras. No entanto, apesar de na literatura da área (SANTOS, 2016), por vezes, o Ogham ser referido como um “alfabeto”, seria mais adequado referir-se a ele como um Script.

Ao todo, ele tem vinte caracteres (Feda, em irlandês), representando tanto vogais quanto consoantes, que eram divididas em grupos (Aicmí, em irlandês), cada um correspondendo a cinco destes caracteres.

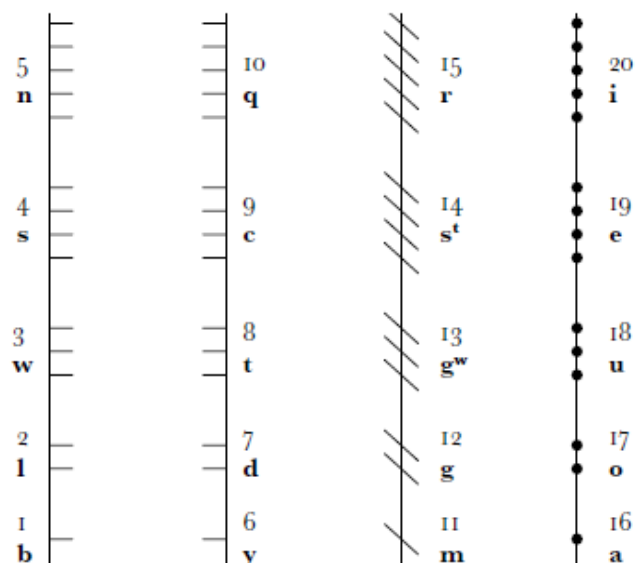


Figura 2 – O Ogham Script

Fonte –The *Ogham* alphabet (CHARLES-EDWARDS, 2000, p. 165).

No período em que o monumento que estamos abordando foi erigido, aproveitava-se a borda “natural” das pedras, interpretando-as como uma “linha”, para fazer a inserção das marcas desejadas. Era a quantidade de marcas feitas sobre esta “linha”, bem como seus posicionamentos e direção, que determinava de que caracteres se tratava. Na imagem da página anterior, pudemos observar que o primeiro *aicme* corresponde às consoantes “b”, “l”, “w”, “s” e “n”, um traço para o “b”, dois para o “l” e assim sucessivamente. Logo a seguir, só que agora na direção oposta, diferenciando-o do primeiro *aicme*, temos as consoantes “h/y”, “d”, “t”, “c” e “q”. O próximo *aicme* contém as consoantes “m”, “g”, “gw”, “st” e “r”, na mesma quantidade e sequência de cinco, só que ao invés de seguir uma direção à esquerda ou à direita, os caracteres são feitos em cima da linha, no posicionamento diagonal. O último *aicme* representa as vogais: uma marca para o “a”, duas para a letra “o”, três para o “u”, quatro para o “e”, e cinco para o “i” (THURNEYSSEN, 2003; SANTOS, 2016).

Não sabemos quando e nem como o Ogham foi criado, há sugestões que variam desde o século I, para a concepção do Script (CARNEY, 1975, p. 53-65), ou do século II, para sua utilização (HARVEY, 1990, p. 13-14), até o século IV, sendo esta a data que mais figura nas obras dos especialistas sobre esta temática.

No caso das pedras bilíngues/biliterais contendo inscrição em Ogham e em Letras Romanas, elas estão relacionadas com a presença de colonizadores irlandeses na Britannia. A divergência ficaria apenas por conta da origem do script, com três hipóteses possíveis. Na primeira, Ogham teria sido concebido já neste território, provavelmente no que hoje equivale ao País de Gales, e de lá levado para a Irlanda, tendo sido trazido novamente para a Britannia pelos colonizadores após certo período de interrupção destas atividades epigráficas. Na segunda, após ter sido criada na Britannia, a tradição teria sido levada para a Irlanda, mas sem que houvesse interrupção deste hábito epigráfico em seu lugar de criação, apesar disto não ter gerado a produção de inscrições bilíngues/biliterais, concepção que foi desenvolvida em um tempo posterior, já em um contexto de colonização, quando os irlandeses passaram a dominar o Mar da Irlanda. Na terceira, o Script teria sido concebido diretamente na Irlanda, após os irlandeses terem tido contato com o idioma dos romanos e desejarem criar sistemas gráficos para representarem suas próprias manifestações linguísticas, sobretudo os sons da língua irlandesa, tendo sido levado para a Britannia posteriormente, que conheceria esta nova

forma de escrita apenas após ter recebido várias levas de colonização irlandesa na Antiguidade Tardia.

Seja qual for a hipótese mais plausível, as pedras bilíngues/biliterais envolvendo este complexo processo de digrafia e intercâmbio cultural, que vai desde os últimos tempos romanos na Britannia até às invasões dos povos escandinavos, teriam sido erigidas por irlandeses interessados em manter suas tradições, porém compartilhando da cultura romana, e utilizando para isso o Ogham, Script criado por irlandeses, seja na Britannia ou na Hibernia. Afinal, conforme abordamos recentemente (SANTOS, 2016), o Ogham foi uma resposta ao hábito epigráfico romano e ele tinha em vista os sons da língua irlandesa. Ele é o equivalente irlandês da escrita epigráfica romana (McMANUS, 1991).

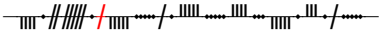
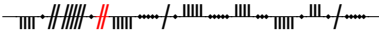
As inscrições que usam o Ogham como Script apresentam uma série de fórmulas principais, conforme podemos ver na tabela 1, abaixo. Elas representam nomes pessoais, ancestralidade ou alguma espécie de afiliação tribal. Fionnbarr Moore explica que estas fórmulas são em um número específico: X MAQI Y, em Português ‘X filho de Y’; X AVI Y, em que AVI significa neto; X MAQI MUCOI Y, neste caso, MAQI significa ‘descendente’ e MUCOI pode estar relacionado com alguma deidade ancestral; outra palavra que aparece com frequência é o termo irlandês ANM, significando “nome de”; algumas pedras também tem inscrições contendo o termo KOI, que significa “aqui”, o equivalente do termo latino *Hic Iacit (Iacet)*, jaz aqui; outra palavra importante é CELI, como na fórmula X CELI Y, que significa “X seguidor de Y”. Estes termos podem ser combinados para gerar fórmulas como: X MAQI Y MUCOI Z; X KOI MAQI MUCOI Y (MOORE, 2010). Em vários casos sequer existe uma fórmula, mas nomes grafados de forma isolada (McManus, 2006).

Tabela 1 – As fórmulas Ogâmicas

<i>FORMULAE</i>	<i>TRADUÇÃO</i>
X MAQI Y	X filho de Y
MUCOI	Da Posteridade/descendência
X MAQI MUCOI Y	X Filho da Posteridade de Y
X MAQI Y MUCOI Z	X Filho de Y da Posteridade de
X KOI MAQI MUCOI Y	Aqui Jaz X filho da Posteridade
X MUCOI	X da Posteridade de
X MAQI Y MAQI MUCOI	X filho de Y filho da Posteridade
INSCRIÇÕES DE NOME	
ANM	Nome
ANM X MAQI Y	Nome X filho de Y
ANM X	Nome X
AVI	Descendente/Neto de
X AVI Y	X Descendente/Neto de Y
X MAQI Y AVI Z	X filho de Y Descendente/Neto
KOI	Jaz aqui
X KOI MAQI MUCOI Y	Jaz aqui X Filho da Posteridade
CELI	Cliente/Seguidor
X CELI Y	Cliente/Seguidor de Y

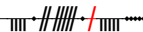

Fonte –Inspirado e reformulado a partir da obra de Damian McManus (1991, p. 52)

A Pedra de São Dogmael pertence a este contexto de produção de pedras bilíngues/ biliterais na Antiguidade Tardia, contendo fórmulas como as supramencionadas. As inscrições presentes no monumento têm sido interpretadas de maneira divergente (assinaladas em vermelho a seguir): O Latim é lido como “SAGRANI[F]ILI | CVNOTAMI” (JONES, 1860; RHYS, 1873; ALLEN, 1896; MACALISTER, 1945; NASH-WILLIAMS, 1950); ou SAGRANIFILI CVNOTAMI (EDWARDS, 2007). O Ogham, por sua vez, tem sido interpretado como:


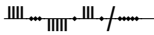

SAGRAMNIMAQICVNATAMI /  (JONES, 1860; BRASH, 1869; RHYS, 1873; ALLEN, 1896) ou SAGRAGNIMAQICUNATAMI/  (MACALISTER, 1945; NASH-WILLIAMS, 1950; EDWARDS, 2007).

Há dois scripts nas inscrições, portanto, Ogham e Letras Romanas. É possível também conhecermos os dois idiomas escolhidos para grafar as frases: Latim, nas Letras Romanas, e Irlandês, em Ogham. A partir destas leituras, interpreta-se que os nomes presentes nas inscrições sejam “Sagramnus”, “Sagragnus” ou “Sagram” e “Cunatamus”. O primeiro é compreendido como “possivelmente irlandês”, de acordo com Sims-Williams (2003). Para Charles Thomas (1994, p. 75) é definitivamente irlandês. Com relação ao segundo nome, Sims-Williams (2003) interpreta da mesma forma, como “possivelmente irlandês”, o que não é compartilhado por Jackson (1953, p. 644 e 670), Thomas (1994, p. 75 e 86) e Ziegler (1994, p. 160), cujas interpretações sugerem que o nome pertence à variante das línguas célticas faladas na Britannia, ou seja, o ramo Britônico, neste caso, o que poderia ser considerado Galês Antigo.

Conforme já mencionado, visitamos a Pedra de São Dogmael em 2017. Examinando pessoalmente a inscrição e, em momento posterior, a partir dos vídeos e fotos que foram registrados naquela oportunidade, acreditamos ser possível selecionar uma das leituras do texto latino apresentadas acima. Por algum motivo que não nos foi possível compreender, todos os autores que tentaram decifrar a inscrição antes de 1950 (JONES, 1860; RHYS, 1873; ALLEN, 1896; MACALISTER, 1945; NASH-WILLIAMS, 1950) não estavam certos sobre a oitava letra ser um “F” ou não, por isso a registram como: “SAGRANI[F]ILI | CVNOTAMI”. Ou seja, demarcando-a com a inserção de colchetes [] para assinalar a dúvida. Nancy Edwards, que examinou a inscrição para sua obra de 2007, viu esta letra específica claramente, por isso assinalou: “SAGRANIFILI CVNOTAMI”. Esta também foi nossa percepção. É possível, mesmo nas imagens, detectar esta letra na inscrição.

Quanto às letras oghâmicas é mais desafiador. Enquanto alguns leram-nas como se apontassem para o nome “SagraMni”  (JONES, 1860; BRASH, 1869; RHYS, 1873; ALLEN, 1896), outros compreenderam-nas como “SagraGni”  (MACALISTER, 1945; NASH-WILLIAMS, 1950; EDWARDS, 2007). Trata-se de saber, então, se a sexta incisão (da base para o topo) contém um (letra “M”)

ou dois traços (letra “G”). Neste caso, não podemos afirmar com certeza a quantidade de traços, pois quando a pedra se quebrou em duas partes esta foi uma das localidades afetadas. Apesar disso, tanto pela análise presencial quanto pelo estudo de imagens de outros pesquisadores e de nossas imagens e vídeos, estamos inclinados a aceitar a última interpretação.

Apesar destas querelas, o mais importante da inscrição de São Dogmael é a correspondência entre os dois textos, que facilitou na interpretação e compreensão do Script Oghâmico. Analisando as inscrições, ficam perceptíveis o bilinguismo e a biliteralidade neste processo de digrafia. Ela ocorre nos nomes (SAGRANI/  e CUNATAMI/ , respectivamente); mas também na fórmula, de tipo número 1, de acordo com a Tabela 1 supra apresentada “X MAQQI Y”, embora no monumento que analisamos não ocorra a duplicação da letra “Q” em Ogham (). Uma proposta de tradução para o português, considerando, então, tanto a parte Latina quanto Irlandesa do conteúdo textual da Pedra de São Dogmael é: “Memorial/Pedra de Sagramnus/Sagragnus/Sagram, filho de Cunatamus”.

Sagragnus/Sagramnus/Sagram, ou seja, o filho, tem um nome irlandês, já seu pai, Cunatamus, possui um nome Britônico. De acordo com Charles Thomas, isto pode sugerir um casamento interétnico entre migrantes ou colonizadores irlandeses e a população nativa (THOMAS, 1994, p. 74). Desta forma, três culturas ou identidades (a Irlandesa, a Galesa e a Romana), bem como as combinações possíveis destas (Cambro-Romana; Romano-Britânica; Hiberno-Romana; Cambro-Hibérmica) estariam manifestadas nestas inscrições de São Dogmael.

Considerações finais

A descoberta, ou redescoberta, da Pedra de São Dogmael, em um momento no qual os estudiosos da área já tinham uma reflexão mais aprofundada acerca do Script Oghâmico, possibilitou a ampliação do nosso repertório sobre as inscrições que utilizam este sistema gráfico. Foi possível estabelecer, então, uma comparação sistemática entre diversas inscrições, o que levou a uma maior compreensão sobre este conjunto de sinais desenvolvido para representar os sons da língua irlandesa na Antiguidade Tardia, de modo a conferir a ela um status semelhante ao do Latim, funcionando como um sistema

simbólico importante para elaboração de mensagens epigráficas. Por apresentar esta sintonia entre as duas inscrições, em Ogham e Letras Romanas, bem como conter uma frase praticamente idêntica em dois idiomas falados na região do Mar da Irlanda, Latim e Irlandês Antigo, o monumento em questão, como vimos, passou a ser reconhecido desde os tempos de Graves como a “Rosetta Stone” dos Estudos Oghâmicos, tamanha sua importância. Muitas outras inscrições bilíngues foram encontradas após esta, tanto no próprio País de Gales quanto na Cornualha e Ilha de Man, com variação de fórmulas e mensagens, o que nos permitiu conhecer melhor os intercâmbios e conexões entre a Hibernia e a Britannia na Antiguidade Tardia, mostrando como a região do Mar da Irlanda no período era multicultural e possibilitava diversas relações sociais e culturais. Foi a Pedra de São Dogmael, no entanto, que abriu as portas para tais percepções.

Bibliografia

- ALLEN, J. R. 'Catalogue of the early Christian monuments in Pembrokeshire', *Archaeologia Cambrensis* 5th series, 13, 1896, p. 290-306.
- BRASH, Richard Rolt. 'The ogham inscribed stones of Wales', *Archaeologia Cambrensis* series, 24, 1869, p. 148-167.
- BRASH, Richard Rolt. 'Ogham Monuments in Wales and England'. In: BRASH, Richard Rolt. *The Ogam inscribed monuments of the Gaedhil in the British Islands: with a dissertation on the Ogam character, etc.* London, George Bell and Sons, 1879.
- EDWARDS, Nancy. *Corpus of Early Medieval Inscribed Stones and Stone Sculpture in Wales, volume II – South-East Wales.* Cardiff, University of Wales Press, 2007.
- GRAVES, James. *The Journal of the Kilkenny and South-East of Ireland Archaeological Society.* Vol. III. University Press, Dublin, 1861.
- HÜBNER, Aemilivs (Ed.). *Inscriptiones Britanniae Christianae.* London: Williams and Norgate/ Berlin: George Reimer. 1876.
- JONES, H. L. 'Early Inscribed Stones of Wales. The Sagraus stone at St. Dogmael's, Pembrokeshire', *Archaeologia Cambrensis*, 3rd series, 6, 1860, p. 133-136.
- KENNETH, Jackson. *Language and History in Early Britain: A Chronological Survey of the Brittonic Language: First to Twelfth Century A.D..* Edinburgh: The University Press, 1953.
- LLALLAWG (Pseudônimo de Thomas James). 'The Ogham Stones in Pembrokeshire' in *Archaeologia Cambrensis*, Vol. III. Fourth Series, London, 1872.
- MACALISTER, R. A. S. *Corpus Inscriptionum Insularum Celticarum* Vol. I. Dublin: Stationery Office. 1945/1996.

- MCMANUS, Damian. Written on Stone. *Irish Arts Review*. Vol. 23, N°3, 2006, pp. 98-99.
- NASH-WILLIAMS, V. E. *The Early Christian Monuments of Wales*, Cardiff: University of Wales Press, 1950.
- RCAHMW - ROYAL COMMISSION ON ANCIENT AND HISTORICAL MONUMENTS IN WALES - *An Inventory of Ancient Monuments of Wales and Monmouthshire* Vol. VII: County of Pembroke. London: HMSO, 1925.
- RHYS, J. 'Notes on Some of the Early Inscribed Stones of Wales, Devon and Cornwall', *Archaeologia Cambrensis*, series, 73, 1918.
- RHYS, J. *The Early Inscribed Stones of Wales* (reprinted from *The Carnarvon and Denbigh Herald* November 29 and December 6 1873). Cardiff: Rees and Evans, 5, 1873.
- SANTOS, Dominique. As 'Ogham Stones': fontes para o estudo da 'Hibernia' e da 'Britannia romana' (e pós-romana). *ROMANITAS – REVISTA DE ESTUDOS GRECOLATINOS*, v. 8, p. 35-50, 2016.
- SHARKEY, John (Ed.). 'Ogham Monuments in Wales - Texts by J. Romilly Allen and R. Rolt Brash'. LLanerch Publishers, Felinfach, 1992.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick. *The Celtic Inscriptions of Britain: Phonology and Chronology, c. 400-1200*. Philological Society Publication 37, Oxford and Boston. 2003.
- TEDESCHI, Carlo. 'Observazione sulla paleografia della iscrizioni Britanniche paleocristiane'. *Scrittura e Civiltà*, 9, 1995, p. 117.
- TEDESCHI, Carlo. *Congeries Lapidum Inscrizioni Britanniche dei Secoli V-VII*, Pisa, 2005.
- VAUGHAN, H.M.. The Benedictine abbey of St. Mary at St. Dogmaels. *Y Cymmrodor*, 27, 1-25.
- WESTWOOD, J. O. 'Early Inscribed Stones of Wales. The Sagraus stone at St. Dogmael's, Pembrokeshire', *Archaeologia Cambrensis* 3rd series, vol. 6: 1860, p. 128-136.
- WESTWOOD, J. O. *Lapidarium Walliae: the Early Inscribed and Sculptured Stones of Wales*. Oxford: Oxford University Press, 1876-1879, p. 115-116.
- ZIEGLER, Sabine. *Die Sprache der altirischen Ogam-Inschriften*. Göttingen, Vandenhoeck und Ruprecht, 1994.